

## **Editora da Unicamp: criação e institucionalização**

Uma portaria de 1969 fornecia uma tênue pista do que estava por vir. A letra fria da burocracia dava conta de que o Conselho Diretor da Universidade, em sessão realizada no dia 11 de fevereiro daquele ano, aprovara a criação da Editora da Universidade de Campinas, logo batizada de EDUC.

A chancela ganhava contornos de definitiva. O Conselho Diretor, embrião do que viria a ser o Conselho Universitário (Consu), era a instância máxima da Instituição; ademais, o documento que dera origem à Editora estava ancorado no Estatuto da Unicamp, baixado pelo Decreto Estadual 52.255/1969.

Os registros sobre as atividades da EDUC são escassos. É certo, a julgar pelos relatos de pioneiros – apesar das boas intenções e do aparato legal –, que suas ações ficaram circunscritas à impressão e distribuição de apostilas de conteúdo didático, tidas à época como fundamentais para a consolidação de uma universidade recém-criada, tendo à frente da iniciativa o professor Zeferino Vaz.

Passaram-se 23 anos para que a Editora da Unicamp efetivamente saísse do papel – e dos mimeógrafos, equipamento onipresente nos setores administrativos e centros acadêmicos da Universidade. Portaria baixada na antevéspera do Natal de 1982 e assinada pelo então reitor José Aristodemo Pinotti fez a Editora deixar os escaninhos para tornar-se realidade. O momento não podia ser mais oportuno. O *Zeitgeist* trazia em seu bojo inúmeros elementos exógenos e endógenos à vida universitária.

No âmbito externo, a ditadura militar já claudicava, emitindo sinais inequívocos de esgotamento. Depois de quase duas décadas de opressão, tornara-se impossível manter no cabresto os clamores da sociedade civil. Em paralelo a protestos e manifestações de diferentes matizes, a imprensa e o mercado editorial tratavam de ressoar o represado e se preparar para os tantos desafios da democratização do país.

No plano interno, em mobilização que envolveu docentes, alunos e funcionários, a Unicamp rechaçara, ao cabo de uma resistência que perdurou de outubro de 1981 a abril de 1982, este não por acaso o ano do nascimento da Editora, uma intervenção gestada justamente pelos representantes da ditadura enquistados no governo paulista, que chegou a nomear diretores de faculdades e institutos, além de querer impor o nome do reitor à comunidade universitária.

A Unicamp já era reconhecida nacionalmente, mas o movimento, que começou em Campinas e logo repercutiu em todo o país, jogou mais luz sobre a universidade que, com apenas 15 anos, se transformara em sinônimo de inovação tecnológica, excelência acadêmica e *locus* importante do debate de ideias, contrastando com o modelo muitas vezes anacrônico de instituições renomadas do sistema de ensino superior.

A Editora da Unicamp surgiu para refletir de algum modo as preocupações que a Universidade tinha à época e dar vazão à produção oriunda dessa efervescência política e intelectual, que vinha acompanhada, no período, pelos esforços de institucionalização e pela maior expansão física registrada na história da Universidade. Dezenas de prédios irrompiam da noite para o dia no *campus* de Barão Geraldo, em Campinas.

Coube ao linguista Aryon Dall’Igna Rodrigues, do Instituto de Estudos da Linguagem, coordenar a implantação da Editora, presidindo o Conselho Editorial instituído em 1983 e composto por mais oito integrantes. O historiador Jaime Pinsky, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, foi designado o primeiro diretor da Editora da Unicamp.

Com o *campus* transformado à época em canteiro de obras, a saída foi improvisar um local para alojar a Editora recém-criada. A primeira sede da Editora funcionava em uma pequena sala de uma casa alugada na Cidade Universitária para abrigar, provisoriamente, a biblioteca de Sergio Buarque da Holanda, cujo acervo fora doado pela família à Unicamp. Os primeiros anos foram marcados pela publicação de livros de caráter didático de docentes de praticamente todas as áreas da Universidade.

O conhecimento gerado em sala de aula – mas, não apenas – ultrapassava o intramuros e passava a ser difundido nacionalmente, em diretriz preconizada no documento de criação da Editora e seguida à risca pelas gestões subsequentes, cujos dirigentes foram, em ordem cronológica, Eduardo Guimarães (em duas ocasiões), do Instituto de Estudos da Linguagem, Ezequiel Theodoro da Silva, da Faculdade de Educação, Luiz Fernando Milanez, da Faculdade de Engenharia Mecânica, Paulo Franchetti, Márcia Abreu e Edwiges Maria Morato, do Instituto de Estudos da Linguagem.

A trajetória da Editora tem sido marcada por edições primorosas, várias coleções bem sucedidas, publicações de clássicos, traduções inéditas, dezenas de prêmios e um sem-número de ações de natureza acadêmica e cultural. Trata-se de um conjunto de iniciativas e ações que deságua no que se convencionou chamar de história.

A despeito de diferentes orientações editoriais e administrativas, crises extemporâneas e momentos de bonança, marchas e contramarchas na condução de seus objetivos, as quatro décadas da Editora da Unicamp são detentoras de um ponto unívoco: a abnegada dedicação dos que se envolveram com sua institucionalização e com o desenvolvimento de suas qualidades editoriais, e o respeito à coisa pública e de tudo que nela floresce e se materializa em forma de conhecimento, cultura e cidadania veiculados no livro.